

Algumas dessas cartas foram escritas do Rio, quando já cicatrizavam as feridas que trouxera da terra. Quem quer que leia tais documentos verá pelos termos respeitosos que nada provam com vista à efusão de amor. E conquanto não modifiquem a personalidade de Augusto, que revive na sua obra, contraponha-se a uma questão outra questão: as cartas não foram conferidas nem dado à público o original.

Resta examinar o caráter alegre e galhofeiro de Augusto. Essa graciosa imputação lhe é feita porque em tempos de estudante colaborara com alguns perfis metrificadas em jornais humorísticos da Paraíba. Trata-se de colaboração paga, em estilo rebarbativo, que só com muito boa vontade pode ser enquadrada na malícia epigramática dos jornalzinhos de festa. Procura-se o sal dessa colaboração e não se encontra, porque Augusto está inteiriço nela.

Que quer então essa gente com relação ao homem triste? Quer que não abra jamais os lábios para um sorriso e ande, além disso, chorando pelos lugares ermos. De repente, Augusto virou um homem transbordante de alegria desde o momento em que se descobriu que dera uma insípida colaboração aos jornais humorísticos da Paraíba. A descoberta de Humberto Nóbrega impressionou a alguns literatos que, sem espírito crítico, veicularam o boato de que Augusto dos Anjos era um poeta facêto.

O homem do nordeste é antes de tudo um triste. Gente que trabalha o ano todo, de sol a sol, sem ir a uma festa, sem visitar um amigo, sem dar um passeio; gente que ama o silêncio, que conversa por monossílabos, que toma um trago da branquinha para despertar a alegria. Uma gente, enfim, que se acostumou ao sofrimento e dêle não pode mais fugir porque não é fácil ao homem quebrar as tradições do passado. Não apenas o nordestino, mas o brasileiro em geral traz do berço a marca da tristeza.

Dizem que o carnaval é uma festa de alegria, mas não é. Desperta mais volúpia que alegria. Diante dêsse abismo de sedução, com tanta música erótica, tanta bebida, tanta orgia de luxo e de plástica feminina ao natural, o homem se excita, mas não se mostra alegre.

Que Augusto dos Anjos tenha sido um folgazão, como querem os seus apologistas, é francamente de espantar. A geração que trabalha para essa tamanha contrafação da verdade é uma geração que carece em absoluto de espírito crítico e se mostra, além do mais, comprometida com o passado. De-